



FREUD E A QUESTÃO DA GÊNESE PSICOLÓGICA DA RELIGIÃO

Moisés do Vale dos Santos¹

¹ Doutorando em História da Filosofia Moderna e Contemporânea (UFPR).

I

Sigmund Freud (1856-1939) é frequentemente alvo de críticas por não se manter no seu campo particular de estudo e incorrer em análises sociológicas ao explorar uma série de fenômenos sociais de sua época. Decerto, Freud não restringiu suas investigações científicas ao campo do tratamento clínico de pacientes neuróticos, pois ele sempre ansiou que a psicanálise tivesse uma influência na sociedade que ultrapassasse o seu lugar como tratamento curativo das neuroses. Por essa razão, convém distinguir a existência de duas facetas na ciência psicanalítica: o *método psicanalítico clínico*, que é utilizado pelo analista em sua prática terapêutica, cujo escopo é basicamente a cura das neuroses; e a *antropologia psicanalítica*, que consiste na concepção psicanalítica acerca da condição humana. No entanto, este último aspecto da psicanálise não tem autonomia em relação à primeira, porque qualquer análise antropológica (ou de qualquer outra natureza) é necessariamente dependente dos conceitos clínicos. Esta perspectiva, por exemplo, levou Freud a sustentar que as guerras são causadas pela atuação da *pulsão de morte (todestrieb)* ou que o atual sistema econômico se encontra radicado em impulsos sádico-anais etc.

Depois de um grande desvio pelas ciências naturais, medicina e psicologia, Freud debruçou-se nos problemas culturais que desde muito tempo o fascinaram. Ele chega a declarar a seu biógrafo Ernest Jones (1879-1958) que quando jovem sentia forte atração pela especulação, a qual teria sido refreada implacavelmente. E mesmo antes de se formar com distinção no liceu em junho de 1873, Freud reconhecia que a natureza que mais avidamente queria entender era a natureza humana. Portanto, desde a juventude sua ânsia de conhecimento estava mais dirigida para os assuntos humanos do que para os objetos naturais². Aliás, à medida que envelhecia, o pai da psicanálise foi permitindo maior liberdade no que se refere à especulação.

Segundo Paul Roazen (1936-2005), a “virada antropológica” no pensamento de Freud teria acontecido depois do ano de 1923, ano que ele teve

² GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**, p. 40.

seu primeiro câncer. Apesar de Freud anteriormente ter demonstrado possuir características de filósofo social, e ter se desviado antes de 1923 das preocupações clínicas para problemas especulativos, o espectro da morte teria apressado esta antiga tendência, que por muito tempo fora refreada. Desse modo, à medida que a doença avançava Freud foi se tornando menos médico e psicólogo e mais visionário³.

II

Dentre os muitos tópicos culturais analisados por Freud, ele dedicou-se a compreender o fenômeno aparentemente universal do sentimento religioso. É manifesto que durante toda a sua vida Freud preocupou-se com questões religiosas, e embora houvesse comentários ocasionais sobre a religião em seus trabalhos iniciais, somente nos anos mais maduros é que tal interesse passou a ocupar uma posição de destaque. No entanto, distante de uma análise *stricto sensu* teológica, sociológica ou histórica, sua investigação pautou-se numa perspectiva eminentemente psicológica, razão pela qual Freud pode ser considerado o pai da *psicologia da religião*, quer dizer, o estudo psicológico das crenças e das experiências religiosas.

Além de debruçar-se avidamente sobre os conhecimentos acumulados sobre o assunto em questão, Freud procurou na medida do possível dialogar com a *intelligentsia* europeia atuante no seu tempo. O romancista e biógrafo francês Romain Rolland (1866-1944) foi um dos intelectuais com quem Freud trocou cartas sobre o tema da origem psicológica do sentimento religioso. A propósito, Rolland fez importantes observações sobre o livro *O futuro de uma ilusão* (1927), a partir das quais Freud inicia a obra *O mal-estar na civilização* (1930).

Para Rolland, a fonte da religiosidade seria um sentimento particular que ele viu confirmado por muitas pessoas, e que ele designa por “sensação de eternidade”, ou seja, um sentimento de algo ilimitado, sem barreiras, como que “oceânico”. Posicionando-se como um cético, ele sustenta que a hipótese do sentimento “oceânico” representa um fenômeno puramente subjetivo (ou

³ ROAZEN, Paul. **Freud: pensamento político e social**, p. 71.

psicológico) e não constitui um artigo de fé, mas certamente seria a fonte da energia religiosa de que diferentes igrejas e sistemas religiosos se apoderaram. E, com base unicamente neste sentimento, qualquer indivíduo poderia considerar-se religioso, mesmo estando desvinculado de dogmas religiosos⁴.

De acordo com Sigmund Freud, o sentimento oceânico, ou seja, um sentimento de comunhão com todo o mundo exterior, por experiência própria não o convence da natureza primária do sentimento religioso, o que não o autoriza a questionar sua ocorrência nas outras pessoas. Todavia, o que interessa efetivamente a Freud é saber se a origem do sentimento religioso é interpretada de modo correto. Para tanto, ele oferece uma explicação psicanalítica (ou genética) para o sentimento em apreço⁵. Tal explicação pode também ser designada de “psicologista”, pelo fato de reduzir todos os elementos da experiência religiosa nos seres humanos a seus aspectos psíquicos. E no que tange à psicanálise, tais elementos seriam elucidados a partir da instância psíquica chamada *inconsciente (unbewusste)*. O inconsciente *grosso modo* é a sede dos impulsos inatos, e dos desejos e lembranças recalçados. Ele é regido pelo *princípio de prazer (lustprinzip)*, por isso opera sem nenhuma consideração pelas normas do pensamento racional e objetivo, aspirando unicamente a gratificação imediata do desejo⁶.

Para Freud, não há nada mais seguro do que o sentimento da existência do próprio *ego*⁷ (*ich*), o qual parece ser autônomo e unitário. Ao declarar isto ele revela possuir um considerável conhecimento da filosofia cartesiana⁸. No entanto, tal noção seria enganosa, porque o ego se prolonga para dentro, sem uma fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente que pode ser

⁴ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, pp. 7-8.

⁵ *Ibid.*, p. 8.

⁶ LAGACHE, Daniel. **A psicanálise**, p. 36.

⁷ A palavra alemã “ich” pode traduzida tanto por *ego* como por *eu*. Nesta obra somente o primeiro termo será empregado, a despeito do uso corrente do termo *eu* nas diversas traduções das obras de Freud.

⁸ A verdade fundamental encontrada por René Descartes nas **Meditações Metafísicas** (meditação segunda, § 4) é expressa pela fórmula “penso, logo existo” (*cogito, ergo sum*). Desse modo, Descartes compreende a si mesmo como uma coisa que pensa, que duvida, que afirma, que nega, que quer, que imagina e que sente (meditação terceira, § 1). Com base nisso, pode-se afirmar que para Descartes a essência mesma do Eu pessoal se identifica com o pensamento. Além disso, a ideia que ele tem do espírito humano (na medida em que é uma coisa que pensa, e não extensa em comprimento, largura e profundidade, e que em nada participa daquilo que pertence ao corpo), é incomparavelmente mais distinta do que a ideia de uma coisa corporal (meditação quarta, § 2).

designada de *id (es)*⁹. Quando se prolonga para fora, o ego parece conservar limites claros e precisos, mas existe um estado extraordinário (que não poderia ser considerado *stricto sensu* patológico) em que a fronteira entre o ego e o objeto ameaça desaparecer. Contrariando o testemunho dos sentidos tal experiência afirma que o ego e o mundo exterior são uma só coisa. Além dessa situação singular, o estudo das patologias mentais apresenta um vasto número de estados em que a delimitação entre o ego e o mundo exterior torna-se problemática – casos em que partes do próprio corpo, e componentes da vida psíquica (percepções, pensamentos, afetos) surgem como alheios ou não pertencentes ao ego; e outros em que se atribui ao mundo exterior o que evidentemente surgiu no ego, e deveria ser reconhecido por ele. Pode-se assegurar, então, que o sentimento do ego está sujeito a uma série de transtornos, razão pela qual suas fronteiras não são permanentes¹⁰.

Freud assegura que o sentimento do ego presente na vida adulta não poderia ter sido o mesmo desde o princípio: o bebê humano ainda não é capaz de separar a sua consciência do mundo exterior, mas aprende a fazê-lo depois de uma série de estímulos externos. Um importante estímulo para que o ego reconheça o mundo exterior se constitui de sensações de dor e desprazer, que o princípio do prazer busca a todo custo eliminar. Depois disso, chega-se ao procedimento que permite distinguir o que é interior ou pertencente ao ego, e o que é exterior, pertencente ao mundo externo, e com isso ocorre o primeiro passo para o surgimento do *princípio de realidade (realitätsprinzip)*. E sob a influência da necessidade de autoconservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade que, sem abrir mão do propósito de um ganho de prazer, exige e impõe o adiamento da satisfação, a renúncia de sua

⁹ Sigmund Freud explica o conceito de *id* nos seguintes termos (**Esboço de psicanálise**, pp. 11; 33): “*Chegamos ao nosso conhecimento desse aparelho psíquico pelo estudo do desenvolvimento individual dos seres humanos. À mais antiga dessas localidades ou áreas de ação psíquica damos o nome de id. Ele contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está assente na constituição [...] A única qualidade predominante no id é a de ser inconsciente. Id e inconsciente acham-se tão intimamente ligados quanto ego e pré-consciente [...] Originalmente, com efeito, tudo era id; o ego desenvolveu-se a partir dele, através da influência contínua do mundo externo.*”

¹⁰ FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, pp. 9-10.

realização e a tolerância temporária do desprazer e do longo desvio que conduz ao prazer¹¹.

O ego deve entrar em acordo com o mundo visível, audível, palpável, perceptível, e com a realidade onde existem outras pessoas, em relação às quais o ego não pode fazer sempre o que lhe apetece. O princípio de realidade modifica o princípio de prazer, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa. Todavia, o princípio de realidade, que existe independentemente dos anelos e dos desejos particulares dos indivíduos, não se refere somente à realidade física ou natural, mas também diz respeito à realidade social.

De acordo com Freud, o atual sentimento do ego, quer dizer, autônomo e unitário, seria apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente que correspondia a uma estreita ligação do ego com o mundo exterior. O primitivo sentimento do ego (unido com o mundo exterior) foi conservado na vida psíquica dos seres humanos como uma espécie de contraparte do ego autônomo e unitário, e os seus conteúdos ideativo

seriam justamente os da ligação com o todo, o que explicaria efetivamente o sentimento “oceânico” aventado por Romain Rolland. Todavia, Freud explicita que o fenômeno da conservação de todos os estágios anteriores da vida psíquica, ao lado de uma configuração definitiva na vida adulta, é possível somente no âmbito psíquico, e o fato da conservação do passado na vida psíquica é antes a regra do que a exceção. Por esse motivo, em muitos homens (religiosos) se manifesta o sentimento “oceânico”, e isto ocorre porque eles estariam inclinados a remontar a uma fase primitiva do sentimento do ego¹².

Embora Romain Rolland concorde com a tese freudiana de que a religião é uma forma de “ilusão psíquica”, ou ainda, um fenômeno puramente psicológico, ele considera a presença do sentimento “oceânico” por si só um manancial de energia, que independentemente de garantir a imortalidade, ou se transformar em artigo de fé, constitui a fonte capaz de transformar alguém num indivíduo religioso. Em face dessa perspectiva, Freud se propõe a verificar, tomando como

¹¹ *Idem. Além do princípio do prazer*, p. 48.

¹² *Ibid.*, pp. 11;15.

ferramenta a teoria psicanalítica, se o sentimento “oceânico” pode ser considerado de fato a origem do anseio religioso.

III

No que tange às necessidades religiosas, que parecem ser inerentes aos seres humanos, Freud sustenta que elas derivam do sentimento de *desamparo infantil*. Tal sentimento não existe somente na época infantil, mas é conservado na vida adulta pelo medo diante do poderoso poder do destino. Desse modo, poder-se-ia rastrear a origem da atitude religiosa até o sentimento de desamparo infantil. O sentimento “oceânico” que consiste em “ser-um com o universo”, que é o seu conteúdo ideativo, também apresenta-se como uma tentativa inicial de consolação religiosa, como uma outra via para negar o perigo que o ego percebe a ameaçá-lo do mundo exterior. A sensação de continuidade com todas as coisas, que o sentimento em apreço sugere, parece ser uma tentativa de consolação, como se tentasse minimizar os perigos que o mundo exterior representa para o ego, identificando-se com ele¹³.

Todavia, os argumentos que visam explicar o sentimento religioso já foram expostos por Freud numa obra escrita especificamente para esclarecer o assunto em questão chamada *O futuro de uma ilusão* (1927). Nessa obra, o argumento psicanalítico essencial contra a religião é a necessidade, por parte do sentimento religioso, de derivar suas crenças e suas práticas dos sentimentos de desproteção e vulnerabilidade presentes no indivíduo e no modo de a criança (sempre viva e presente no psiquismo de cada ser humano) inventar mecanismos psicológicos para se proteger de tais sentimentos. Isto posto, a religião teria sua origem na construção de uma proteção contra o desamparo humano em face das contingências que o homem não é capaz de dominar. O ser humano inventa, pois, um patrimônio de ideias nascido da necessidade de tornar suportável o desamparo humano. Este patrimônio “protege” (ao menos em termos psicológicos) os homens dos perigos da natureza e do destino, bem como dos danos causados pela própria sociedade humana¹⁴. As ideias religiosas,

¹³ *Ibid.*, p. 16.

¹⁴ *Idem*. **O futuro de uma ilusão**, pp. 62-63.

portanto, se apresentam como proposições, mas não são o produto da experiência ou o resultado final do pensamento, pelo contrário, são as realizações dos desejos mais antigos, fortes e mais prementes da humanidade¹⁵. Enfim, quando a criança, ao crescer, percebe estar destinada a permanecer para sempre uma “criança”, que nunca poderá dispensar proteção contra poderes desconhecidos, atribui, pois, a estes, as características da imagem paterna: imagina a existência de deuses, dos quais possui medo, aos quais procura agradar e aos quais atribui a missão de protegê-la.

Freud também sustenta que se todas as provas apresentadas em favor da credibilidade das proposições religiosas derivam do passado, é natural verificar se no presente, o qual pode ser julgado com mais acerto, também pode oferecer tais provas. E se dessa forma fosse possível colocar a salvo de dúvidas ao menos uma única parte do sistema religioso, automaticamente o todo ganharia credibilidade. Para tanto, Freud menciona os espíritas (kardecistas), os quais estariam persuadidos da continuidade da alma individual e pretendem demonstrar cientificamente que esta proposição religiosa é isenta de dúvidas. Entretanto, eles seriam incapazes de refutar o fato de as aparições e manifestações de seus “espíritos” serem apenas produtos de sua própria atividade psíquica, ou uma mera projeção mental. Freud ainda sublinha que os espíritas evocam os espíritos dos maiores homens, dos mais destacados pensadores, mas todas as manifestações e notícias que deles recebem são tão tolas, tão inconsolavelmente ocas, que não se pode levar nenhuma delas a sério¹⁶.

Na visão de Freud, não somente o espiritismo, mas as religiões em geral, são tão claramente infantis, tão distantes da realidade, que para alguém de atitude humanitária é doloroso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de se colocar acima desta concepção de vida. Outrossim, Freud não poupa sua crítica aos filósofos deístas¹⁷, que não acreditam na religião, mas

¹⁵ *Ibid.*, p. 85.

¹⁶ *Ibid.*, pp. 80-81.

¹⁷ Nicola Abbagnano define o *deísmo* (**Dicionário de filosofia**) como a doutrina de uma religião natural ou racional, não fundada na revelação histórica, mas na manifestação natural da divindade à razão humana. As teses fundamentais do deísmo são as seguintes: a religião não contém nada de irracional; a verdade da religião revela-se à própria razão, ao passo que a revelação histórica é supérflua; as crenças do

procuram salvar o Deus da religião substituindo-o por um princípio impessoal, espectralmente abstrato. Mas, se é possível justificar os filósofos deístas do passado, que temiam a retaliação da Igreja Católica por sua descrença, nada justificaria tal procedimento no tempo presente¹⁸.

IV

De acordo com o teólogo Hans Küng (1928-), do ponto de vista histórico e biográfico não pode existir qualquer dúvida de que Sigmund Freud era um ateu convicto muito antes de ser um psicanalista, por isso o seu ateísmo não se baseia em sua psicanálise, mas positivamente é anterior a ela¹⁹. Todavia, Küng aponta que Freud sempre insistiu que a psicanálise não tem como consequência necessária o ateísmo, pois ela é um método de pesquisa e de cura que pode ser igualmente adotado por ateus e por crentes. Dessarte, é precisamente por isso que o ateu Freud se opõe a que se pretenda utilizar a psicanálise como um instrumento em defesa da ideologia ateísta. A psicanálise não poderia ser convertida em uma explicação universal da realidade, por isso o ateísmo de Freud tem de ser apresentado como uma hipótese que não é fundamentada numa demonstração logicamente necessária. Küng também reconhece com muita clareza a inegável influência dos fatores psicológicos sobre a religião e o conceito de Deus, porém, não se poderia concluir coisa alguma sobre a existência ou não existência de Deus²⁰. Noutros termos, mesmo que se admita que a religião tenha sua origem na construção de uma proteção contra o desamparo humano em face dos fenômenos e situações que o homem é incapaz de dominar, isto não seria uma prova irrefutável da inexistência de Deus. E

deísmo são poucas e simples, tais como a existência de Deus, criação e governo divino no mundo, e retribuição do mal e do bem em vida futura.

¹⁸ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p. 17.

¹⁹ De acordo com Peter Gay (**Freud: uma vida para o nosso tempo**, p. 43), no período em que Freud esteve na universidade (dos 17 aos 25 anos), seu ateísmo teria se consolidado pela influência do filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872). Na universidade Freud dedicou-se muito tempo à leitura dos filósofos, mas dentre todos eles Feuerbach foi o que mais ele admirou. Feuerbach considerava seu dever desmascar a teologia e revelar suas raízes puramente mundanas na experiência humana. Ele não era um ateu, mas sua doutrina e método tinham o propósito de formar verdadeiros ateus. O ponto central de seu tratado sobre a religião (**A essência do Cristianismo**) era fundamentalmente a destruição de uma ilusão absolutamente perniciosa. Freud teria considerado esta atitude profundamente compatível consigo próprio.

²⁰ KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**, pp. 64-66.

insistir dogmaticamente na ideia de que as crenças religiosas (por constituírem as realizações dos desejos humanos mais primitivos) implicam necessariamente na inexistência de Deus, é incorrer num falso raciocínio.

Küng sustenta que o fato de o sentimento religioso ser um desejo primitivo (razão pela qual o conceito de Deus só poderia ser uma fantasia de desejo humano, uma ilusão infantil) isto não resulta necessariamente na inexistência de Deus, porque o desejo por Deus, demonstrado tão brilhantemente por Freud, poderia corresponder perfeitamente a um ser real. Na verdade, esta possibilidade não foi excluída por Freud, já que sua explicação da gênese psicológica da crença em Deus não foi capaz de refutar a própria existência de Deus. Assim, do profundo desejo humano por Deus e da vida eterna ainda não se conclui, sem dar margem para a dúvida, que Deus exista e são reais a vida e a felicidade eternas, porém, desse desejo também não se segue sua inexistência. Assim, a explicação de Freud sobre a gênese psicológica da crença em Deus não teria sido capaz de refutar a própria crença em Deus, de modo que Freud nem destruiu nem refutou as ideias religiosas, e nem ateus e teólogos poderiam deduzir isto da crítica dela à religião. Do ponto de vista psicológico a questão da existência de Deus tem de permanecer em aberto. E mesmo os argumentos a favor não podem ser considerados suficientes. O ateísmo de Freud, que existiu antes de todas as descobertas psicanalíticas, deve ser compreendido como mera hipótese, como um postulado não demonstrado, ou como uma exigência dogmática. O próprio Freud tinha consciência disso, pois, apesar das ideias religiosas não serem dignas de crédito, ele não as poderia refutar e, por essa razão, poderiam até ser verdadeiras. E no que se refere a sua natureza psicológica também não decide ainda de forma alguma sobre seu teor e valor de verdade²¹.

É manifesto que a inclinação especulativa da Freud com frequência o levava muito além das experiências verificáveis, de modo que, quando escrevia sobre assuntos alheios à psicanálise clínica, como é o caso da religião, já não apresentava o mesmo rigor sobre o pensamento como quando se tratava de seu trabalho propriamente psicanalítico. Mas nem por isso suas críticas à religião são

²¹ *Ibid.*, pp. 66-69.

ilegítimas. Muito pelo contrário, desde que se descobriu a influência dos fatores psicológicos profundos sobre a religião, não é mais possível retornar a um estágio “pré-Freud”. Desde o advento da psicanálise, a religião tem sempre que passar pelo crivo da análise psicológica. E no teste de resistência do esclarecimento psicológico tem que se mostrar quanta coisa pertencente à religião não passa de produto do inconsciente. Despareceram, portanto, os tempos em que os teólogos podiam falar ingenuamente do “bom Deus”, ou seja, aquele ser tão humano, onipotente, onisciente, que controla todas as coisas²².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Martins Fontes. São Paulo: 2005.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. L&PM Editores. Porto Alegre: 2018.

_____. **O futuro de uma ilusão**. L&PM Editores. Porto Alegre: 2015.

_____. **Esboço de psicanálise**. Imago Editora. Rio de Janeiro: 2001.

_____. **O mal-estar na civilização**. Penguin & Companhia das Letras. São Paulo: 2011.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Companhia Das Letras. São Paulo: 1989.

KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Verus Editora. Campinas: 2010.

LAGACHE, Daniel. **A psicanálise**. DIFEL. Rio de Janeiro: 1978.

ROAZEN, Paul. **Freud: pensamento político e social**. Editora Brasiliense. São Paulo: 1973.

²² *Ibid.*, p. 110.